



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Tedesco Selistre, Isabel Cristina

Colocações, transferência linguística e elaboração de dicionários bilíngues escolares
(inglês/português - português/inglês)

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 32, núm. 2, 2010, pp. 271-278

Universidade Estadual de Maringá

.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426644013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Colocações, transferência linguística e elaboração de dicionários bilíngues escolares (inglês/português – português/inglês)

Isabel Cristina Tedesco Selistre

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Av. Paulo Gama, 110, 90040-060, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: ictselistre@yahoo.com

RESUMO. O objetivo deste trabalho é evidenciar a necessidade de se incluir as colocações de forma sistemática nos dicionários escolares inglês/português – português/inglês, especialmente na seção português/inglês. Para tanto, apresentamos, brevemente, as principais abordagens que tratam das colocações, buscamos a caracterização desse fenômeno, tratamos da questão da transferência linguística em relação a esse aspecto, distinguimos os dicionários passivos e os dicionários ativos e, por fim, com base nos resultados de um estudo comparativo entre sete dicionários escolares bilíngues, fazemos algumas considerações sobre a apresentação de colocações nesse tipo de obra.

Palavras-chave: combinações lexicais, aquisição de segunda língua, dicionário ativo, dicionário passivo.

ABSTRACT. *Collocations, language transfer and the making bilingual school dictionaries (english/portuguese – portuguese/english).* This article aims to make evident the need to include collocations in english/portuguese – portuguese/english school dictionaries, especially in the portuguese/english direction, in a systematic way. Therefore, we briefly present the main approaches that deal with collocations, outline the characteristics of this linguistic phenomenon, discuss the issue of language transfer (mainly the collocational errors caused by L1 transfer) and lastly, based on the results of a comparative study with seven bilingual school dictionaries, we provide some comments on the presentation of collocations in this type of dictionary.

Key words: lexical combinations, second language acquisition, active dictionary, passive dictionary.

Introdução

As colocações são “combinações lexicais bipartidas situadas entre a combinatória livre e as expressões idiomáticas” (COP, 1991, p. 2775), ou seja, situam-se entre as combinações lexicais do tipo *heavy bag, heavy basket, heavy stone, beautiful flower, yellow flower, red flower*, cujos elementos permitem livre substituição, e cujo significado pode ser entendido pelo significado literal dos seus componentes (MAURER-STROH, 2004, p. 26), e as expressões fixas, cujo significado não pode ser deduzido do significado individual de seus constituintes (HARTMANN; JAMES, 2001, s.v. *idiom*) como, por exemplo, *keep your head above water*, que não significa “manter a cabeça fora da água”, mas “sobreviver financeiramente” (TAGNIN, 2005, p. 67).

Os falantes nativos adquirem seu repertório de colocações subconsciente e gradualmente desde os primeiros contatos com a sua comunidade linguística (FAN, 2009). Tal fato explica por que as colocações representam um dos aspectos mais problemáticos na aprendizagem de uma segunda língua (L2).

Ao fazer uso das colocações, o aprendiz tende a traduzi-las literalmente, isto é, transfere o conhecimento lexical da sua língua materna (L1) para a L2. Algumas vezes, essa transferência funciona, como em “armazenar informações” [*store information*] e em “falar abertamente” [*speak openly*] mas, em boa parte dos casos, não, como, por exemplo, a colocação “pessoa educada” que corresponde à *polite person* em inglês e não à **educated person* - forma que o aprendiz tende a produzir pela semelhança com o português; assim como *educated guess* corresponde à “suposição fundamentada” e não à **suposição educada*. A falta de conhecimento das colocações na L2 pode, portanto, afetar os significados e comprometer uma situação de comunicação.

Neste artigo, apresentamos, brevemente, as diferentes abordagens que tratam do fenômeno das colocações, elencamos as características dessas combinações lexicais, examinamos a questão da transferência linguística (considerando o aprendiz brasileiro de inglês), analisamos como os dicionários escolares inglês/português – português/inglês (doravante DEIPs) lidam com as colocações e, por

fim, discutimos a necessidade de se incluir as colocações nesse tipo de produto lexicográfico.

As colocações: abordagens teóricas e caracterização

Abordagens teóricas

As principais abordagens teóricas que embasam os estudos sobre as colocações são: abordagem semântica, abordagem estatística e abordagem lexicográfica (BENEDUZZI, 2008, p. 21). A abordagem semântica procura explicações que possam ser aplicadas às diversas línguas para o porquê de determinadas palavras aparecerem combinadas. Já as pesquisas estatísticas, que têm por objetivo identificar as recorrências frequentes dessas combinações, e as pesquisas lexicográficas, que visam categorizar as colocações, indicam como esse fenômeno manifesta-se em uma língua particular.

Abordagem semântica

Os trabalhos fundamentados na abordagem semântica se ocupam da descrição linguística das colocações, buscam a caracterização desse fenômeno e a identificação das relações estabelecidas entre os elementos que as compõem. Mel'cuk (1984, 1988, 1992), o principal representante dessa abordagem, sustenta que a maioria das relações semântico-lexicais recorrentes e sistemáticas que acontecem num léxico de língua geral pode ser formalizada em termos de um conjunto de funções léxicas (FONTENELLE, 1997).

A função léxica é uma relação de significados entre uma palavra-chave e outras palavras ou combinações fraseológicas (FONTENELLE, 2000). A fórmula geral de tal função é $f(X) = Y$, em que “X” (o argumento) é a palavra-chave, e “Y” (o valor da função) é o item que foi selecionado para expressar o significado denotado pela função (“f”) (BEVILACQUA, 2005).

Desse modo, a unidade “dor insuportável” pode ser explicada pela existência da função *Magn*, que é a função léxica que indica intensidade, grau elevado e que se aplica à “dor”; sua representação, segundo essa proposta é: *Magn* (dor) = insuportável.

Abordagem estatística

Os estudos desenvolvidos sob uma abordagem estatística consideram o aspecto probabilístico da linguagem e a frequência com que os elementos costumam aparecer em conjunto. Firth (1957) foi o primeiro a estabelecer a expressão *collocation* como um termo linguístico, definindo colocação com base no critério de frequência de coocorrência das palavras. Partindo das pesquisas de Firth, Halliday (1961) define as colocações como “associações sintagmáticas de itens lexicais, textualmente

quantificáveis, com probabilidade de ocorrer em n intervalos (uma distância de n itens lexicais) a partir do item x, os itens a, b, c etc.” (p. 276). Com o auxílio do computador e de cálculos estatísticos, Sinclair (1991), um seguidor da tradição de Firth, propõe um enfoque com base unicamente na frequência de coaparição dos elementos, distinguindo as colocações frequentes e as raras (NESSELHAUF, 2004, p. 8).

Abordagem lexicográfica

A abordagem lexicográfica envolve o questionamento prático de como as colocações devem ser apresentadas em um dicionário. Esse questionamento foi o foco dos estudos de Cowie (1981), Benson (1986), Benson et al. (1997) e Hausmann (1989).

Cowie (1981), ao identificar que cada tipo de combinação léxica oferece diferentes graus de dificuldade ao usuário do dicionário, propôs uma classificação dessas unidades a partir de seu grau de transparência e de sua variação léxica e gramatical, ou seja, suas possibilidades de substituição e/ou inserção de elementos, destacando quatro tipos de combinações:

(1) as colocações abertas, que apresentam um significado transparente e podem ser livremente combinadas (como em *drink one's tea* [beber um chá]);

(2) as colocações restritas, que se caracterizam por seu significado transparente e pela seleção restrita e arbitrária dos vocábulos que podem ser combinados (no caso de *wholesome fare* [comida saudável], por exemplo, o adjetivo *wholesome* pode ser substituído por um grupo restrito de vocábulos como *plain* [pouco industrializada] e *simple* [leve]);

(3) as expressões idiomáticas figuradas, que compreendem as combinações caracterizadas por apresentarem um significado literal e outro figurado (caso de *close ranks* que significa literalmente “fechar uma fileira (em um grupo militar)”, mas também pode significar “defender outros membros do grupo”); e

(4) expressões idiomáticas “puras”, cujo significado é completamente opaco, e a estrutura é invariável (como em *spill the beans* [contar um segredo], em que as palavras, separadamente, significam “derramar” e “feijões”).

Para Benson (1986, p. 11), apesar de sua transparência semântica, “as colocações são combinações imprevisíveis devido ao seu caráter arbitrário” (fato que se evidencia no contraste entre as línguas). Ainda, segundo este autor, as colocações são de dois tipos (BENSON et al., 1997):

(1) gramaticais - formadas por uma palavra dominante (substantivo, adjetivo ou verbo) e uma preposição ou uma estrutura gramatical como infinitivo ou uma oração;

(2) lexicais - formadas por substantivos, adjetivos, verbos e advérbios.

Hausmann (1989, p. 1010) define as colocações como combinações lexicais formadas por dois elementos: a “base” e o “colocado”. A base corresponde ao elemento autônomo do ponto de vista semântico, e o colocado refere-se ao membro da combinação que acrescenta uma caracterização, mas não modifica a identidade da base, o elemento caracterizado. Conforme o autor, as colocações podem apresentar as seguintes estruturas:

(a) substantivo + adjetivo (como em *confirmed bachelor* [solteiro inveterado]);

(b) substantivo + verbo (como em *his anger falls* [sua raiva passa]);

(c) verbo + substantivo (como em *to withdraw money* [sacar dinheiro]);

(d) verbo + advérbio (como em *raining heavily* [chovendo torrencialmente]);

(e) advérbio + adjetivo (como em *seriously injured* [gravemente ferido]);

(f) substantivo + (preposição) + substantivo (como em *a gust of anger* [um ataque de raiva]).

Nessas combinações, a base será sempre o substantivo, exceto na construção “verbo + advérbio”, em que a base será o verbo e na estrutura “advérbio + adjetivo”, em que a base corresponde ao adjetivo.

Por uma caracterização das colocações

Como vimos na seção anterior, não há uma definição do termo colocação que seja de consenso geral, nem uma classificação universal dos diferentes tipos de combinações lexicais. No entanto, todas as teorias que se ocupam desse fenômeno concordam que “as colocações são combinações lexicais coesas, recorrentes e arbitrárias, que não são expressões idiomáticas, mas em que o significado de uma das partes é contextualmente restrito àquela combinação específica” (HEYLEN; MAXWELL, 1994, apud ORENHA, 2003, p. 198). Por exemplo, *small fortune* não pode ser mudada para **little fortune*, embora *small* e *little* sejam consideradas sinônimos; semelhantemente em português “má sorte” não pode ser substituída por **“sorte ruim”*.

A seleção dos elementos que compõem uma colocação é idiossincrática, por isso grande parte das colocações em uma língua não corresponde à mesma combinação lexical em uma outra (enquanto o português utiliza a combinação “dar um passo” para indicar o ato de deslocar o ponto de apoio do corpo

de um pé para o outro, por meio de movimento para frente, para trás ou para os lados, o inglês utiliza *take a step*, em vez de **give a step*).

Em razão do caráter arbitrário e idiossincrático das colocações, o aprendiz de uma L2 tem dificuldade em produzi-las adequadamente e, em alguns casos, de compreendê-las.

As colocações e a transferência linguística

A transferência linguística passou a ser considerada um fenômeno inerente ao processo de aprendizagem de uma L2 a partir da afirmação de Lado (1957) de que a dificuldade e a facilidade de se aprender uma L2 são determinadas, respectivamente, pelas diferenças e similaridades entre a L1 e a L2. Tal postulado foi, também, o ponto de partida para o desenvolvimento de estudos baseados na Análise Contrastiva de diferentes idiomas.

Seguindo a corrente behaviorista que vigorava na época, conforme a qual a aprendizagem era um processo de formação de hábitos, a Análise Contrastiva defendia que os hábitos da L1 eram transferidos para a L2. Essa transferência poderia ser positiva, quando a similaridade entre as duas línguas facilitasse a aprendizagem, ou negativa, quando as diferenças entre as línguas conduzissem ao erro (ELLIS, 1994).

O objetivo da Análise Contrastiva era, através da comparação entre as línguas, prever os erros e as dificuldades do aprendiz para, assim, possibilitar a eliminação da influência negativa da L1 na L2.

No final da década de 1960, início de 1970, os resultados obtidos pela Análise de Erros (por exemplo, DULAY; BURT, 1974) demonstraram que nem todos os casos de diferença entre a L1 e a L2 resultavam em transferência negativa, assim como certos tipos de erros eram comuns na aprendizagem de uma L2 não importando qual a L1 do aprendiz.

Apesar de as pesquisas subsequentes à Análise Contrastiva terem concluído que a transferência não poderia ser considerada a única explicação para as dificuldades do aprendiz e do papel da L1 na aprendizagem de uma L2 ser, ainda, uma questão controversa no âmbito dos estudos linguísticos, toda vez que um processo de aquisição de língua estrangeira é desencadeado, “tanto em contextos bilíngues, como em processos formais de ensino e aprendizagem de línguas não maternas, emergem exemplos de transferência linguística, por isso não foi (e não é) possível prescindir desse conceito” (DURÃO, 2008, p. 80).

Baseados, então, nessas considerações e na proposição de Bahns (1993, p. 61) de que “todo aprendiz tende a guiar-se pela hipótese da

transferência”, isto é, “utiliza os conhecimentos linguísticos e as habilidades comunicativas adquiridas previamente na sua L1 na hora de produzir e processar mensagens na L2” (ORTÍZ ALVAREZ, 2002, p. 1), passamos, agora, a examinar o fenômeno da transferência linguística em relação ao par de línguas inglês/português.

A transferência e o aprendiz brasileiro de inglês

O conhecimento prévio do português pode influir positiva ou negativamente na aprendizagem de novos itens (lexicais, estruturais, fonológicos, etc.) do inglês. Por exemplo, o aprendiz brasileiro de inglês, em geral, produz corretamente *I want to talk with you* porque, no português, a estrutura da frase e o uso da preposição são semelhantes - “Eu quero falar com você”. Por outro lado, o aprendiz tenderá a produzir **Where you work?* em vez de *Where do you work?* porque, no português, não se utiliza verbo auxiliar nas frases interrogativas.

As transferências negativas podem ocorrer em diversos níveis: fonológico, sintático, morfossintático, lexical e pragmático. Vejamos alguns exemplos:

- nível fonológico: *fine* / faɪn/ é produzido como /fine/, uma vez que não há casos, no português, em que o ‘i’ seja pronunciado como /aɪ/;

- nível sintático: *I am not* é produzido como **I not am*, porque esta é a ordem das frases negativas em português;

- nível morfossintático: *I saw her father* é produzido como **I saw the her father*, porque, em português, é possível usar artigo antes de adjetivo possessivo;

- nível lexical: a palavra *fabric* pode ser compreendida como “fábrica”, em vez de “tecido”, em função de sua semelhança gráfica e sonora com o português; a colocação *make a mistake* pode ser transformada em **commit a mistake*, uma vez que, em português, dizemos “cometer um erro” em vez de “fazer um erro”;

- nível pragmático: o aprendiz poderá dirigir-se a uma autoridade usando seu primeiro nome: **Mr. Paul*, porque essa forma é aceita no Brasil; no entanto, o mais adequado, em inglês, seria usar *Mr. Smith* ou *Mr. Paul Smith*.

A partir da próxima seção, restringiremos nossa discussão aos casos de transferência lexical (negativa), mais especificamente às colocações, uma vez que esse é o foco de nosso trabalho.

Colocações: erros por transferência lexical

Em função das peculiaridades das combinações lexicais na língua portuguesa e na língua inglesa, problemas na produção de colocações em inglês por parte dos aprendizes brasileiros são bastante comuns.

Apresentaremos alguns exemplos de possíveis casos de transferência relacionados a verbos, adjetivos e substantivos.

Verbos

- 1) Expressão pretendida: *Take your pills*.
Inglês usado: **Drink your pills*.
Expressão correspondente em português: “Tome suas pílulas”.
- 2) Expressão pretendida: *I wear glasses*.
Inglês usado: **I use glasses*.
Expressão correspondente em português: “Eu uso óculos.”
- 3) Expressão pretendida: *I had an accident*.
Inglês usado: **I suffered an accident*.
Expressão correspondente em português: “Eu sofri um acidente.”
- 4) Expressão pretendida: *Place an order*.
Inglês usado: **Make an order*.
Expressão correspondente em português: “Fazer um pedido.”

No exemplo (1), o erro ocorre porque, em português, podemos usar o verbo “tomar” tanto com o significado de “beber” quanto com o significado de “ingerir comprimidos”, enquanto que, no inglês, cada significado é expresso por um verbo diferente: *drink* para o primeiro caso e *take* para o segundo. O mesmo ocorre no exemplo (2): no português, dizemos “usar óculos” e “usar um computador”, enquanto que, no inglês, usamos *wear glasses* e *use a computer*.

Nos exemplos (3) e (4), os verbos que combinam com os substantivos em uma língua não são os mesmos que combinam na outra: em português, “sofrer” combina com “acidente”, e “fazer” combina com “pedido”; já, em inglês, temos *have* [ter] + *accident* e *place* [colocar] + *order*.

Adjetivos

- 5) Expressão pretendida: *ordinary person*.
Inglês usado: **common person*.
Expressão correspondente em português: “pessoa comum”.
- 6) Expressão pretendida: *rude person* (grosseira).
Inglês usado: **stupid person* (não inteligente).
Expressão correspondente em português: “pessoa estúpida” (grosseira).
- 7) Expressão pretendida: *great writer*.
Inglês usado: **big writer*.
Expressão correspondente em português: “grande escritor”
- 8) Expressão pretendida: *heavy cold*.
Inglês usado: **strong cold*.
Expressão correspondente em português: “resfriado forte”.

Nos casos (5) e (6), o erro acontece em função da semelhança gráfica entre palavras que não compartilham o mesmo significado nas duas línguas: *ordinary*, em inglês, significa “comum”, enquanto que “ordinário”, em português, tem um significado pejorativo – “vulgar, que não presta”; assim como, *stupid*, em inglês, significa “não-inteligente” e, em português, significa “grosseiro, mal educado”.

No exemplo (7), o problema está no fato de haver duas palavras em inglês – *great* (qualidade) e *big* (tamanho) – e apenas uma contrapartida em português – “grande” (qualidade; tamanho).

No exemplo (8), as escolhas lexicais são distintas: o inglês requer *heavy* (literalmente “pesado”), enquanto que o português requer “forte” para designar o mesmo tipo de “resfriado”.

Substantivos

(9) Expressão pretendida: *food poisoning*.

Inglês usado: **food intoxication*.

Expressão correspondente em português: “intoxicação alimentar”.

(10) Expressão pretendida: *life-size*.

Inglês usado: **natural size*.

Expressão correspondente em português: “tamanho natural”.

(11) Expressão pretendida: *a clove of garlic*.

Inglês usado: **a tooth of garlic*.

Expressão correspondente em português: “um dente de alho”.

Os erros (9) e (10) ocorrem pela semelhança gráfica entre palavras – *intoxication* [intoxicação] e *natural* [natural] – que, apesar de compartilharem traços semânticos, não são usadas no mesmo contexto nas duas línguas.

No caso (11), os colocados para *garlic* [alho] são distintos: o inglês requer *clove* [trevo; cravo], enquanto que o português requer “dente” (*tooth*) para designar o mesmo referente.

As colocações e os DEIPs

Conforme Kromann et al. (1991, p. 2719), para se compor um dicionário bilíngue é preciso considerar que o usuário do dicionário de tradução é competente na sua língua nativa (ele sabe o significado e o uso das palavras em sua própria língua), e que a tradução pode ser feita em duas direções: da L1 para a L2 ou da L2 para a L1. Essas considerações são a base para a distinção entre dicionário passivo e dicionário ativo.

O dicionário passivo (DP) serve para a compreensão de textos em uma L2 e para a tradução de um texto da L2 para a L1. O dicionário ativo (DA) serve para a tradução de textos da L1 para L2 e para a produção livre de textos na L2

(HAUSMANN 1977, apud WELKER 2004, p. 200).

A função que o dicionário se propõe a cumprir define sua composição estrutural, isto é, “determina a informação lexicográfica a ser selecionada e a forma de apresentá-la de maneira que ela seja útil para o usuário” (KROMANN et al., 1991, p. 2720).

Num dicionário ativo, a macroestrutura (lista de itens lexicais arrolados) não necessita ser exaustiva, uma vez que a extensão do vocabulário empregado na produção oral e escrita, tanto dos falantes nativos quanto dos aprendizes de L2, é consideravelmente menor do que o vocabulário necessário para a compreensão de textos (RICHARDS et al., 1999, s.v. *active/passive language knowledge*). Em contrapartida, as informações disponibilizadas na microestrutura (interior do verbete) – equivalentes, discriminadores semânticos, informações sintáticas, pragmáticas e sintagmáticas – devem ser especialmente detalhadas para se possibilitar que o consulente produza textos na L2 de forma adequada.

Um dicionário passivo deve ser “macroestruturalmente denso” (DAMIM; BUGUEÑO, 2005, p. 5), ou seja, sua macroestrutura deve dar conta, pelo menos de boa parte, das unidades lexicais que ocorrem nos textos em L2, as quais o usuário quer compreender ou traduzir na sua L1. Por outro lado, pelo fato de o consulente do dicionário passivo já conhecer as regras de construção da sua língua e de o contexto facilitar a compreensão dos significados, o volume de informações na sua microestrutura será menor do que aquele apresentado num dicionário ativo.

Veremos, a seguir, como os DEIPs tratam a questão das colocações tanto na parte ativa do dicionário (português/inglês) quanto na passiva (inglês/português).

Apresentação de colocações nos DEIPs

Para investigar a apresentação das colocações nos DEIPs, efetuamos nossa pesquisa em quatro etapas:

1) num primeiro momento, compilamos as colocações apresentadas no *American Headway 1 e 2* (SOARS; SOARS, 2001a e b) e no *New Interchange 1 e 2* (RICHARDS et al., 2001a e b) – obras adotadas por um grande número de instituições acadêmicas e escolas de idiomas;

2) a seguir, selecionamos quatro colocações do tipo verbo + substantivo (as mais comumente arroladas nos DEIPs) que fossem divergentes, isto é, colocações que apresentassem combinações diferentes no português e no inglês para expressar um mesmo fato: (1) *daydream* [sonhar acordado]; (2) *have a party* [dar uma festa]; (3) *make (a lot of) money* [ganhar (muito) dinheiro] e (4) *take a vacation* [tirar férias];

3) após definirmos as colocações a serem analisadas, escolhemos os dicionários:

(D1) Amadeu Marques (AMI, 2004); (D2) Antônio Olinto (AOI, 2004); (D3) Dicionário Collins (DCI, 2004); (D4) Longman Dicionário Escolar (LDI, 2002); (D5) Michaelis Dicionário Escolar (MDI, 2005); (D6) Oxford Dicionário Escolar (ODEI, 1999) e (D7) Password (PED, 2005).

4) por fim, verificamos a ocorrência dessas colocações nas diversas obras, assim como, as suas formas de lematização (apresentação):

a) como lema principal (LP).

daydream / 'deIdri:m/ ♦ s sonho acordado, devancio ♦ vi
sonhar acordado, devanear

(ODEI, 1999, s.v.)

b) como lema secundário (LS) – com entrada pelo substantivo (LSS).

day [deI] n dia m; (*working* ~) jornada, dia útil; (*heyday*) apogeu
m; **the ~before** a véspera; **the ~day**
before yesterday; [...] **daydream** vi devanear [...]

(DCI, 2004, s.v.)

c) como lema secundário (LS) – com entrada pelo verbo (LSV).

dream [dri:m] [...] 1. sonhar. 2. imaginar, fantasiar. **Never**
dreamt nunca teria imaginado [...] **day dream** devancio [...]

(MDI, 2005, s.v.)

Descrição dos dados

As Tabelas 1, 2, 3 e 4 representadas abaixo descrevem os resultados referentes a cada uma das colocações (dicionários que as apresentam e a forma como são lematizadas); a Tabela 5 apresenta o resumo dos dados obtidos.

Tabela 1. Lematização da colocação *daydream* [sonhar acordado].

		D 1	D 2	D 3	D 4	D 5	D 6	D 7
DA	LSV					✓	✓	
DP	LSS	✓	✓	✓				
	LP				✓	✓	✓	

Tabela 2. Lematização da colocação *have a party* [dar uma festa].

		D 1	D 2	D 3	D 4	D 5	D 6
DA	LSS					✓	✓
	LSV			✓	✓		
DP	LSS				✓		✓
	LSV				✓		

Tabela 3. Lematização da colocação *make (a lot of) money* [ganhar (muito) dinheiro].

		D 1	D 2	D 3	D 4	D 5	D 6
D	LSS		✓				
A	LSV	✓	✓		✓	✓	✓
D	LSS				✓		✓
P	LSV	✓		✓	✓	✓	✓

Tabela 4. Lematização da colocação *take a vacation* [tirar férias].

		D 1	D 2	D 3	D 4	D 5	D 6
D	LSS	✓		✓	✓		
A	LSV	✓		✓	✓	✓	
DPLSS		✓	✓				

Tabela 5. Resumo das lematizações.

	LSS	
Dicionário Ativo	LSV	3
(port/ing)	LSS e LSV	9
	TOTAL	4
	LSS	16
	LSV	10
Dicionário Passivo	LSS e LSV	1
(ing/port)	LP	3
	TOTAL	3
		17

Análise comparativa dos dados

A análise dos quadros descritos acima levou-nos às seguintes constatações:

a) o número de colocações apresentadas na parte passiva do dicionário é, praticamente, o mesmo que na parte ativa: 17 e 16, respectivamente; tais números revelam certa incoerência quanto aos critérios de inclusão de colocações nesses DEIPs, uma vez que o aprendiz tem mais dificuldade em produzir as colocações do que em compreendê-las;

b) na direção inglês/português, as colocações são arroladas na entrada do substantivo na maior parte dos casos (10/substantivo; 1/verbo), ao passo que, na direção português/inglês, a preferência é pelo verbo (9/verbo; 3/substantivo);

c) algumas colocações são apresentadas tanto na entrada do verbo quanto na do substantivo; entretanto, essa prática não se confirma para todas as colocações dentro de um mesmo dicionário: o AMI (2004) e o DCI (2004) lematizam duas vezes apenas a colocação *tirar férias*; o AOI (2004), somente a combinação “ganhar dinheiro”, e o LDI (2004) faz a mesma opção para *have a party*, *make money* e “tirar férias”;

d) *daydream*, provavelmente por ser um composto na língua inglesa, está arrolado em todos os dicionários analisados; mesmo assim, o registro não é homogêneo: o AMI (2004), o AOI (2004), o DCI (2004) e o PED (2005) apresentam a combinação como lema secundário de *day*, enquanto que o LDI (2004), o MDI (2005) e o ODEI (1999) apresentam-no como lema principal;

e) com exceção das colocações *take a vacation* - AMI (2004) e AOI (2004) - e “sonhar acordado” - MDI (2005) e ODEI (1999) - cuja entrada dá-se pelo substantivo e pelo verbo, respectivamente, nos dois dicionários em que aparecem, nenhuma outra colocação (mesmo com apenas duas ocorrências, como é o caso de *have a party*) apresenta um padrão de lematização.

Em suma, constatamos que não existe consenso entre os lexicógrafos nem em relação à seleção das colocações que devem constar na obra, nem em relação à lematização dessas combinações. Em outras palavras, as informações fornecidas pelos DEIPs sobre as colocações são assistemáticas e incoerentes.

Inclusão de colocações nos DEIPs

Nosso posicionamento em relação à inclusão de colocações nos dicionários ativos alinha-se ao de Damim e Bugueño (2005): as colocações são fundamentais em um dicionário para produção, já que não é possível ao consulente ter certeza de que as combinatórias léxicas na sua língua nativa são as mesmas na L2.

Quanto aos dicionários passivos, acreditamos que a maior parte das colocações não precisa ser listada, uma vez que, para chegar ao significado de uma colocação em um texto, na maioria das vezes, basta ao aprendiz verificar os elementos da combinação em suas entradas individuais. Já no caso de combinações cujo significado não é completamente transparente, como a colocação *educated guess* [suposição fundamentada], citada na introdução deste trabalho, parece apropriado que sejam arroladas.

A respeito da apresentação, pensamos que as colocações devem aparecer no final de todas as acepções, de preferência destacadas graficamente. Dessa forma, o usuário não precisará consultar todas as informações contidas na entrada até encontrar a colocação que está buscando.

Para facilitar a consulta do aprendiz, é necessário que todas as informações sobre a inclusão de colocações no dicionário – caracterização, critérios de seleção, de apresentação e de organização – sejam explicitadas, no guia do usuário, de forma clara e concisa.

Considerações finais

Evidências empíricas bastante numerosas confirmam que a transferência lexical da L1 para L2, principalmente a transferência de padrões colocacionais, é um fenômeno real e central no contexto de aquisição de uma L2 (ELLIS, 1994, p. 156). Sendo assim, não é possível que se pense em materiais de apoio ao aprendiz que não levem em conta esse fator.

Acreditamos que, por meio dos exemplos de erros de transferência lexical que apresentamos e da descrição das colocações inclusas nas obras selecionadas para análise, conseguimos deixar evidentes não só a importância das colocações para a aquisição de uma segunda língua, mas também a

urgência em se criar critérios coerentes que norteiem a inclusão das colocações nos DEIPs para que, assim, tornem-se ferramentas realmente úteis ao consulente.

Esperamos que as reflexões propostas neste trabalho possam, de alguma forma, contribuir para as discussões sobre a prática lexicográfica no Brasil.

Referências

- BAHNS, J. Lexical collocations: a contrastive view. **ELT Journal**, v. 47, n. 1, p. 56-63, 1993.
- BENEDUZZI, R. **Colocações substantivo + adjetivo**: propostas para sua identificação e tratamento lexicográfico em dicionários ativos português-espanhol. 2008. 212f. Dissertação (Mestrado em Lexicografia e Terminologia: Relações Textuais)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- BENSON, M. Lexical combinability. **Papers in Linguistics**, v. 18, n. 1, p. 3-15, 1986.
- BENSON, M.; BENSON, E.; ILSON, R. **The BBI combinatory dictionary** – A guide to word combinations. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1997.
- BEVILACQUA, C. R. Unidades fraseológicas especializadas eventivas: estado da questão em relação a sua definição, denominação e critérios de seleção. **Tradterm**, v. 11, n. 1, p. 237-253, 2005.
- COP, M. Collocations in the bilingual dictionary. In: HAUSMANN F. J.; REICHMANN, O.; WIEGAND, E.; ZGUSTA, L. (Ed.). **Wörterbücher / Dictionaries / Dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie / An International Encyclopedia of Lexicography / Enciclopédie internationale de lexicographie**. Berlin/New York: De Gruyter, 1991. v. 3, p. 2775-2778.
- COWIE, A. P. The treatment of collocations and idioms in Learners' dictionaries. **Applied Linguistics**, v. 2, n. 3, p. 223-235, 1981.
- DAMIM, C. P.; BUGUEÑO, F. Elementos para uma escolha fundamentada de dicionários bilíngues português/inglês. **Entrelinhas**, v. 2, n. 3, p. 1-10, 2005.
- DULAY, H. C.; BURT, M. K. Natural sequences in child second language acquisition. **Language Learning**, v. 23, n. 1, p. 37-53, 1974.
- DURÃO, A. B. A. B. Transferência (interferência) linguística: um fenômeno ainda vigente? **Polifonia**, v. 1, n. 15, p. 67-85, 2008.
- ELLIS, R. **The study of second language acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- FAN, M. An exploratory study of collocational use by ESL students – a task based approach. **System**, v. 37, n. 1, p. 110-123, 2009.
- FIRTH, J. R. Modes of meaning. In: FIRTH, J. R. (Ed.). **Papers in linguistics 1934-1951**. London: Oxford University Press, 1957. p. 190-215.
- FONTENELLE, T. Using a bilingual dictionary to create semantic networks. **International Journal of Lexicography**, v. 10, n. 4, p. 275-303, 1997.

- FONTENELLE, T. A bilingual lexical database for frame semantics. **International Journal of Lexicography**, v. 13, n. 4, p. 232-248, 2000.
- HALLIDAY, M. A. K. Categories of the theory of grammar. **Word**, v. 17, n. 3, p. 241-292, 1961.
- HARTMANN, R. R. K.; JAMES, G. **Dictionary of Lexicography**. London/New York: Routledge, 2001.
- HAUSMANN, F. J. **Einführung in die Benutzung der neufranzösischen Wörterbücher**. Tübingen: Niemeyer, 1977.
- HAUSMANN, F. J. Le dictionnaire de collocations. In: HAUSMANN, F. J.; REICHMANN, O.; WIEGAND, E.; ZGUSTA, L. (Ed.). **Wörterbücher / Dictionaries / Dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie / An International Encyclopedia of Lexicography / Encyclopédie internationale de lexicographie**. Berlin/New York: De Gruyter, 1989. v. 1, p. 1010-1019.
- HEYLEN, D.; MAXWELL, K. Lexical functions and the translation of collocations. In: MARTIN, W.; MEIJS, W.; MOERLAND, M.; TEN PAS, E.; STERKENBURG, P. Van; VOSSSEN, P. (Ed.). **Euralex'94 Proceedings**. Amsterdam: The Netherlands, 1994. p. 298-305.
- KROMANN, H. P.; RIIBER, T.; ROSBACH, P. Principles of Bilingual Lexicography. In: HAUSMANN, F. J.; REICHMANN, O.; WIEGAND, E.; ZGUSTA, L. (Ed.). **Wörterbücher / Dictionaries / Dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie / An International Encyclopedia of Lexicography / Encyclopédie internationale de lexicographie**. Berlin/New York: De Gruyter, 1991. v. 3 p. 2711-2728.
- LADO, R. **Linguistics across cultures**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1957.
- MAURER-STROH, M. P. **Towards a bilingual adjective-noun collocation dictionary of English and German**. 2004. 140f. Dissertation (English and American Studies)-Universität Klagenfurt, Klagenfurt, 2004.
- MEL'CUK, I. **Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain**. Montréal: Les Presses de la Université de Montréal, 1984, 1988, 1992. v. 1, 2, 3.
- NESELHAUF, N. What are collocations? In: ALLERTON, D. J. (Ed.). **Phraseological units: basic concepts and their application**. Basel: Schwabe, 2004. p. 1-21.
- ORENHA, A. Subsídios para a elaboração de um glossário bilíngue de colocações na área de negócios. **Revista Intercâmbio**, v. 12, n. 1, p. 197-204, 2003.
- ORTÍZ ALVAREZ, M. L. A transferência, a interferência e a interlíngua no ensino de línguas próximas. In: CONGRESO BRASILEÑO DE HISPANISTAS, 2., 2002, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000012002000100039&lng=en&nrm=abn> Acesso em: 20 mar. 2008.
- RICHARDS, J. C.; HULL, J.; PROCTOR, S. **New Interchange 1 – English for international communication**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001a.
- RICHARDS, J. C.; HULL, J.; PROCTOR, S. **New Interchange 2 – English for international communication**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001b.
- RICHARDS, J. C.; PLATT, J.; WEBER, H. **Longman dictionary of language teaching and applied linguistics**. Essex: Longman, 1999.
- SINCLAIR, J. M. **Corpus, concordance, collocation**. Describing English language. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- SOARS, J.; SOARS, L. **American headway 1**. Oxford: Oxford University Press, 2001a.
- SOARS, J.; SOARS, L. **American headway 2**. Oxford: Oxford University Press, 2001b.
- TAGNIN, S. E. O. **O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas**. São Paulo: Disal, 2005.
- WELKER, H. A. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.
- AMI. MARQUES, A. **Dicionário: inglês/português – português/inglês**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- AOI. OLINTO, A. **Minidicionário Antonio Olinto Inglês/Português – Português/Inglês**. 6. ed. São Paulo: Moderna, 2004.
- DCI. **Dicionário Collins: inglês/português – português/inglês**. HarperCollins, São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LDI. **Longman dicionário escolar inglês/português – português/inglês**. Harlow: Longman, 2002.
- MDI. **Michaelis dicionário escolar inglês/português – português/inglês**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.
- ODEI. **Oxford dicionário escolar para estudantes brasileiros de inglês**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- PED. **Password english dictionary**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 2005.

Received on April 24, 2009.

Accepted on April 22, 2010.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.